

RE-PERIMETRAL: O que fazer com as quase 1000 vigas de aço corten da Perimetral?

RE-PERIMETRAL: O que fazer com as quase 1000 vigas de aço corten da Perimetral?

Esta foi a proposta do concurso de ideias **Re-perimetral** promovido pelos professores Pedro Lobão e Mariana Vieira, com apoio do Centro de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Rio e dos alunos André Porto, Lino Teixeira, Mateus Rosa e Raphael Madeira.

O concurso foi aberto a estudantes universitários e a recém-formados de Arquitetura, Artes Visuais, Design e Engenharia, brasileiros ou estrangeiros.

Além de reconectar o centro da cidade com a Baía da Guanabara a demolição da Perimetral resultou também em um arsenal de vigas cujo destino é virar sucata.

Para o concurso **Re-Perimetral**, reutilizar as vigas da Perimetral é propor um olhar sobre a transformação da cidade: Reperimetralizar, imaginar transformações que antes pareciam tão impossíveis como a demolição do elevador.

A proposta do concurso foi aproveitar estas vigas plenas de possibilidades e significados, reaproveitá-las de maneira lúdica ou funcional, entender a transformação da cidade através da sua reutilização.

As vigas estavam lá escondidas sob uma construção que já nasceu polêmica. Mesmo após a sua "morte", a perimetral sobreviverá como ícone da cidade dominada pelo automóvel, do concreto encobrindo a natureza: onde aos pedestres cabem somente os espaços sobstantes. O concurso Re-perimetral propôs pensá-las como estruturadoras

de uma nova idéia de cidade: onde a funcionalidade não é rasteira, onde podemos cultivar sonhos.

A qualidade das vigas é inquestionável. Feitas de aço corten previsto para durar 400 anos, foram demolidas, picadas e reduzidas a sucata com 90% da vida útil não aproveitada, elas simbolizam a cidade do não-planejamento.

Reperimetralizar é compreender a transitoriedade dos elementos da cidade, é encontrar para eles novos significados, que devem corresponder ao Rio de Janeiro em que pensamos e sonhamos, seja ele atual, futuro, impossível ou pragmático.

1º colocado

Ana Altberg, Beni Barzellai, Manuela Müller, Mariana Meneguetti - PUC-Rio, Rio de Janeiro

Rudimentos, ou paralisia do movimento urbano

1. Elevador da Perimetral

Sua construção, enraizada na ideia de progresso - paradigma modernista -, foi uma ruptura radical naquele espaço urbano, apagando edifícios preexistentes como o Mercado Municipal. Este

novo elemento estranho percorria o Centro pelo alto e foi sendo incorporado às dinâmicas da micro à macroescala. Tornou-se uma artéria estruturante para a mobilidade da metrópole.

Seu final é irreversível e justificado por uma grande reforma na Zona Portuária, que tem como objetivo anunciado reaproximar a cidade da Baía de Guanabara. Com isto, a Prefeitura visa revalorizar a área que estaria em abandono por décadas. O novo marco reestrutura o transporte da região a partir da Via Binário, da criação de um VLT e de um grande “*boulevard* de pedestres”.

De acordo com o projeto Porto Maravilha, em poucos anos o gabarito desta região aumentará consideravelmente. No lugar onde hoje existem galpões industriais abandonados ou subutilizados também surgirão torres com até cinquenta pavimentos.

Enquanto se retira a Perimetral em nome de uma “cidade para pedestres”, os prédios construídos no local seguirão padrões convencionais de 2 vagas para cada unidade comercial, ou seja, um prédio de 50 andares demandará cerca de seis andares de garagem. Ainda sem uma cota para habitação, o Porto Maravilha se tornará um grande centro empresarial, uma vez que edifícios corporativos são muito mais lucrativos para as construtoras do que os de uso residencial ou misto. É difícil imaginar uma cidade para pedestres neste local sem vida noturna e com alguns pavimentos de garagem no térreo.

2. Contexto

A cidade do Rio de Janeiro vive frenéticas transformações impulsionadas pelos grandes eventos esportivos que se aproximam: Copa do Mundo FIFA 2014 e Jogos Olímpicos Rio 2016.

A legibilidade de um planejamento urbano é nebulosa para a maioria dos habitantes. Falho, desorganizado e inconsistente, do ponto de vista urbanístico, este processo é regido por forças políticas e econômicas concretas, como as parcerias público privadas (PPPs) que associam as três esferas de governo às grandes construtoras. O exemplo do consórcio Rio Mais, criado para o Parque Olímpico da Barra, demonstra que o poder público se encontra mais alinhado aos interesses privados do que aos coletivos. Grandes empreendimentos são estimulados em detrimento da manutenção da comunidade preexistente da Vila Autódromo.

Por trás de termos aparentemente neutros, como revitalização, reurbanização e reforma, o Rio segue um padrão de cidade-empresa, atraindo investimentos pontuais ao invés de operar na cidade como uma rede.

3. Condição Psicológica

A cidade cresce baseada num modelo urbano descontínuo. As atuais reformas são fadadas à obsolescência: uma autodestruição programada. Assim, o futuro segue negando o passado e o momento presente se torna uma grande lacuna.

Com o fim da Perimetral, a cidade processa um novo trauma. Nos deparamos com a fragilidade de nosso tecido urbano e seu planejamento precário: deslocamentos, remoções, desapropriações, demolições e grandes congestionamentos geram uma atmosfera caótica.

O atual momento de transição produz uma condição psicológica específica no Rio de Janeiro, que é tomado por sentimentos de ansiedade, revolta, perplexidade, euforia, apreensão, incerteza e insegurança. Estas sensações fragmentadas estão mais latentes desde a onda de manifestações

iniciada no Brasil, em junho de 2013, e acompanhada de grande repressão policial.

O estado de inquietação e aceleração psíquica global é potencializado pelos novos meios de comunicação virtuais e pelos incessantes deslocamentos cotidianos na metrópole. Os espaços de privacidade e liberdade são cada vez mais restritos num mundo hiperconectado em que os indivíduos são constantemente observados e atravessados por diversos estímulos.

Sobrecarregados por esta conjuntura de patologias urbanas, os indivíduos precisam de alternativas para se suspender deste circuito em colapso.

4. Paralisia

O projeto parte de uma inversão da atual lógica urbana do Rio de Janeiro. Propõe-se a sensação de letargia como contraponto à experiência acelerada e funcionalista da cidade.

Infraestruturas elevadas de atravessamento para pedestres são espalhadas ao longo das vias expressas e entroncamentos da cidade. Estas estruturas são criadas a partir das vigas de aço corten –elemento primário do projeto – e possuem altas paredes para isolar o ambiente de seu contexto urbano. A proposta tem caráter dicotômico: apesar de se apresentar como uma passarela–um rápido atravessamento–, não visa à otimização de um trajeto e, sim, retardar o movimento e estimular a permanência, transcendendo, portanto, a mera função de passagem.

A eliminação do elevado repercute na mobilidade de toda a cidade. Assim, a intervenção proposta espalha-se por todo o município como estilhaços da Perimetral. As vigas são deslocadas da função de sustentação de um fluxo expresso e pontual

para propagar, em rede, a sensação de desaceleração pelo território.

5. Rudimentos

Com a extinção da Perimetral, o valor de ruína é agregado às suas vigas. A ruína historiciza e enterra o objeto no tempo, é o testemunho e o fragmento de um mundo que não existe mais. A beleza romântica das ruínas está no espaço intermediário que elas ocupam, o hiato entre a memória de um mundo que se foi e seu registro –a existência concreta do objeto.

O projeto assume o módulo da viga (40m x 1,65m) como elemento primário. Sua multiplicação–encaixe entre eles a partir do ângulo de noventa graus –possibilita diversas combinações, desdobrando-se em múltiplas formas. Os rudimentos são o sistema resultante dessa equação. Diante das inúmeras hipóteses, quatro estudos de caso foram elaborados, em forma de linha, cruz, quadrado e labirinto, localizados, respectivamente, na Avenida Brasil (Ramos/Maré), Avenida Presidente Vargas (Cidade Nova), Linha Amarela (Del Castilho) e Avenida Ayrton Senna (Jacarepaguá). Os contextos foram escolhidos de acordo com o significado atribuído para cada forma.

Matérias-brutas elementares como água, terra, areia e pedra são agregadas às estruturas rudimentares para reforçar o estado de elevação de um ambiente urbano efêmero e circunstancial. Neste local, a experiência é outra: o projeto se associa à escala das dinâmicas geológicas milenares, aos lentos processos de erosão e sedimentação.

Desacelerar a experiência urbana, arrastar o passar do tempo e transformar a percepção do que se vive. Ao subir nas passarelas, o pé sai do ritmo

rápido do asfalto para adentrar num ritmo condicionado pela densidade e irregularidade desses solos.

Os inúmeros processamentos industriais e tecnológicos nos distanciam destas quatro matérias primárias até hoje essenciais para a Arquitetura. Os rudimentos vêm lembrar de uma condição humana básica, agregando forças elementares da natureza à experiência metropolitana. Um solo suspenso e indefinido é criado, lá a experiência urbana se amplifica em outro tempo e outro espaço, onde talvez encontre raízes...

Linha de Fuga

Diretriz para onde ideais paralelos converge

MATÉRIA: água

LUGAR: Av. Brasil - Maré

VIGAS: 20

Visitava aquele lugar suspenso para encontrá-lo num bairro dividido pelas avenidas de intenso tráfego. Morávamos cada um de um lado. Dentro, sentia a água subir pelo meu corpo lentamente. A densidade da água subtraía o peso do mundo externo.

Não havia correnteza naquele espaço. As pessoas pareciam se encontrar ali, sem pressa de sair. Era uma terça-feira no meio do semestre, mas parecia um período de férias escolares, o tempo se estendia e eu adiava sempre mais um pouco o horário para ficarmos juntos. Nesses encontros, afundávamos a cabeça para cessar a sonoridade externa, nos comunicando por mímicas, num silêncio total.

O calor do asfalto parecia penetrar pelo piso metálico do ônibus e envolver o corpo dos passageiros numa sauna úmida. Aquele trajeto se tornara insuportável. Minha vontade era de sair correndo, cada vez mais irritado, me sentindo preso àquela situação.

Uma grande estrutura de aço suspensa na avenida me paralisa. De tempos em tempos alguém sobe e some atrás da barra metálica. Observo, à espera que alguém apareça do outro lado. Ninguém volta e tenho a impressão de ouvir longínquos barulhos de água.

Encruzilhada

Local onde princípios opostos se confrontam e se confundem num ponto central

MATERIA: pedra

LUGAR: Av. Presidente Vargas - Cidade Nova

VIGAS: 40

Duas passarelas se cruzam sobre uma grande avenida, formando uma cruz grega. Em cada uma das quatro pontas há uma escada.

Um homem sobe com pressa e ao chegar se depara com um caminho coberto por pedras. Ele segue se equilibrando e se perde na lembrança de cachoeiras que visitava quando era pequeno. Próximo ao entroncamento, coloca sua mochila no chão, abaixa e tira uma lata de *spray* de tinta. Começa a pichar letras e símbolos indecifráveis. Costuma sentir uma forte adrenalina, mas naquela passarela se sente livre do excesso de vigilância urbana.

Uma mulher salta de um táxi, acende um cigarro e sobe outra escada. Ela usa um traje formal e caminha cuidadosamente entre as pedras na

direção de um prédio que já não consegue enxergar. Uma criança passa correndo por ela, respingando seu sorvete e deixando um rastro de gotas vermelhas.

Perto do centro da encruzilhada, vê um homem pichando a parede enferrujada e se sente extremamente vulnerável. Antes que ele a perceba, ela recolhe discretamente uma pedra do chão, caso precise se defender.

O homem continua concentrado entre o *spray* de tinta e suas memórias de infância. Sente uma forte presença, vira o rosto e os olhares se encontram. Ela repara nos seus olhos azuis. Por um longo momento se encaram. Ela relaxa o braço, e deixa a pedra cair. O barulho interrompe o elo estabelecido entre seus olhares.

Cerco

Caminhos paralelos e transversais se complementam continuamente, formando um sistema estável e autoreflexivo

MATÉRIA: areia

LUGAR: Linha Amarela - Del Castilho

VIGAS: 80

Elevada sobre uma avenida de fluxo intenso, uma estrutura quadrada forma um percurso contínuo. Duas escadas levam ao caminho que contorna um grande vazio inacessível, desviando de um trajeto objetivo. Há décadas uma passarela tombou neste lugar, deixando cinco mortos.

Uma senhora de preto, viúva de um dos mortos no acidente, chega pela escada norte. Ela vem semanalmente, de manhã bem cedo, prestar homenagens ao marido. No caminho compra flores brancas e, ao chegar, tira os sapatos para

sentir seus pés afundarem na areia. Como sempre, segue à esquerda, em direção à parede na qual escreveu o nome de seu marido. Ante o vazio oculto entre as passarelas, ajoelha-se, deposita as flores brancas no chão e mergulha no universo de suas preces.

Um senhor de cabelos brancos sobe a escada sul. Ao chegar, segue à sua esquerda, encontrando um corredor vazio, onde decide sentar e aproveitar o silêncio. Ele apoia as costas na parede, encarando o grande vazio que não consegue enxergar.

Não chove há semanas e o céu finalmente amanheceu carregado. No interior das passarelas, vê-se apenas céu, areia e altas paredes de aço. Com um vento forte um nevoeiro de areia se ergue, percorrendo toda a estrutura num movimento circular.

Durante seu ritual, a senhora é aos poucos perturbada pela fina areia que atinge seu rosto de maneira cortante. Lentamente se levanta e vira à direita. O senhor do outro lado, também incomodado, caminha no mesmo sentido. Por uma fração de segundos não se encontram no mesmo corredor.

Labirinto

Espaço dividido em caminhos indiretos, onde é preciso explorar sua interioridade para encontrar a saída

MATÉRIA: terra

LUGAR: Av. Ayrton Senna – Av. Abelardo Bueno

VIGAS: 160

Percorria todos os dias um descampado onde as distâncias pareciam infinitas na aflição da minha pressa. Rodovias eram construídas em grande

velocidade e empreendimentos avançavam nos vazios expostos onde antes havia um pântano. As vias expressas reforçavam o meu isolamento na minha própria cidade.

Correndo, decido atravessar uma grande estrutura metálica. Ao subir alguns degraus, percebo resíduos de terra e, ao chegar ao topo, encontro uma bifurcação. Meu celular fica sem sinal. Nesse espaço não há vistas externas. Sinto em meus pés a textura da terra, seu cheiro e o som abafado se proliferam na minha frente, retardando meus movimentos. A cada passo lento me deparo com novas possibilidades. Aos poucos aquela terra foi se transformando em mata fechada e me encontrei imerso nas minhas próprias imagens ilusórias. Conheci um senhor que vive aqui. “Aquilo não é vida”, dizia ao se referir à jornada de trabalho. Ele parecia estar sempre num estado meditativo. Nesse dia, me contou que era ele quem deixava os caminhos do labirinto abertos, arrancando os galhos e o mato com as próprias mãos.

Desorientado, avisto ao longo uma luz forte vinda de uma das paredes. Aproximo-me e ouço um barulho agudo de buzina se dissipando na minha direção. Olho a hora e vejo que nenhum minuto se passou. Desço os degraus e reparo numa charrete que, pelo acostamento, supera a velocidade dos carros.

2º colocado

Luiz Felipe Martins de Lima, Thadeu Neto –
Centro Universitário Anhanguera de Niterói –
UNIAN

Memorial justificativo

Como ponto de partida para a utilização de todas as vigas, vimos como solução elaborar um projeto modular.

Sabendo da carência de habitação digna no Município do Rio de Janeiro, criamos um edifício de habitação popular modular, que possa ser construído em qualquer área, até mesmo sobre terreno acidentado ou área de risco. Para atingir tal objetivo, projetamos o edifício suspenso do solo. As vigas garantem grandes vãos sem apoios, minimizando a área de solo utilizada para construção, na qual apenas os pilares e as circulações verticais tocam o terreno.

Pensando no processo de criação, optamos por deixar as vigas em evidência, tornando-as o foco do projeto. Elas formam toda a estrutura, que será uma grande escultura. Para alcançar a proporção das vigas, colocamos três pavimentos de residências para cada módulo.

A partir desse módulo, desenvolvemos o edifício como uma grande estante modular, formada pelas vigas, nas quais os objetos dispostos nela são as residências.

Para otimizar a construção, industrializamos o processo de construção, criamos as residências a partir de *containers*, diminuindo o prazo da obra, o custo e gerando menos resíduos.

Acreditamos que desta maneira extraímos todo o potencial das vigas metálicas, criando uma edificação de habitação popular que, apesar do baixo custo e da simplicidade, tem uma forma e estética diferenciada, sempre priorizando a funcionalidade.

Esta “estante” criada se transforma em um grande módulo de habitação popular, uma comunidade vertical.

Localização

Com base em pesquisa, vimos que só no Município temos cerca de 100 mil habitantes residindo em áreas de risco dentro de comunidades.

Para apresentação, pegamos, como exemplo, um terreno na Zona Norte do Município, no Bairro Tijuca, precisamente na Comunidade dos Prazeres, onde reside a maioria dos habitantes que vivem em área de risco.

Execução

Com esses 10 metros, garantimos que abaixo da edificação sejam mantidas possíveis árvores ou residências, além da vista de “fundo” e da otimização da ventilação natural. As vigas garantem grandes vãos sem apoios, minimizando a área de solo utilizada para construção, na qual apenas os pilares e as circulações verticais tocam o solo.

Com a estrutura e as prumadas de instalações prontas, os *containers* serão transportados para o canteiro de obra praticamente prontos, faltando apenas isolamento térmico, revestimentos, materiais de acabamento e fazer a ligação das instalações nas prumadas.

As instalações que passam nas áreas comuns são todas aparentes. Já nas residências, cada uma tem um prisma de ventilação pelo qual passa toda a instalação hidráulica e de esgoto, ventilando os banheiros.

Mesmo com o deslocamento horizontal e modificação dos pavimentos de cada módulo, esse prisma de ventilação das residências forma prumadas contínuas, sem desvios.

3º colocado

Luiz Gustavo Sobral Fernandes – Universidade Mackenzie, São Paulo

Bernard Tschumi, Parc La Villette

O projeto do Parc La Villette em Paris é resultado de um concurso realizado em 1989, cuja execução se realizou somente em 1998. O principal aspecto do projeto de Tschumi é o desenvolvimento de Follies, módulos de dimensões reduzidas executados sobre uma retícula regular e inseridos no interior do parque. Cada Follie, apesar de possuir uma linguagem e características físicas em comum, não indica as mesmas possibilidades programáticas, que existem de acordo com diretrizes e particularidades encontradas no local de inserção.

Follies para o Município do Rio de Janeiro

A presente proposta ancora-se em certos aspectos na proposta de Paris, porém os Follies existentes no projeto de Tschumi são diferentes em diversos aspectos dos módulos que são apresentados nesta proposta. Os módulos vegetados seriam posicionados em diferentes localidades na Cidade do Rio de Janeiro (da área nobre à área periférica, da alta à baixa densidade, completando demandas locais) e, diferentemente dos módulos do Parc La Villette, teriam dimensões em planta de um edifício de grande porte: as vigas da Perimetral serão mantidas na sua dimensão original, formando quadrados de 40m X 40m. As lajes destes objetos seriam revestidas com uma cobertura vegetal semelhante à mata virgem e dentro desses pavimentos diferentes acontecimentos seriam possibilitados: de acordo com o local de inserção, as características

programáticas variam de acordo com demandas locais previamente identificadas. Os módulos se caracterizariam ainda como um elemento que poderia ser somente sobreposto a uma realidade existente, sem remoções desagradáveis, já que os quatro pilares que compõem o térreo da edificação não tem programa previsto e poderiam ser instalados em diferentes locais, altamente ocupados ou não. Nesta proposta são apresentados cinco casos de atuação de módulos vegetados, dentre infinitas possibilidades possíveis.

Distante de um edifício tradicional

O objeto proposto não se encaixa na categoria de um edifício: as grandes lajes vegetadas acrescidas de necessidades programáticas do local de inserção seriam recortes de um terreno virgem, verticalizadas. Os módulos não possuem outra forma de vedação, sendo compostos somente por lajes e pilares, reforçando o conceito proposto. As vedações existem somente nos módulos programáticos internos, nos quais se busca maior privacidade e proteção em relação às intempéries. A altura dos pilares entre as lajes (de cerca de 16m) reforça ainda mais a distância do edifício tradicional, já que permite que grande parte de cada pavimento vegetado esteja sujeito às condições climáticas existentes no local.

Concepção estrutural

A proposta recicla as vigas existentes originalmente na Perimetral, reposicionando-as nos novos módulos vegetados nos quais cumpririam a mesma função estrutural, sendo, portanto, novamente utilizadas como vigas nesta nova estrutura. Os pilares seriam adquiridos novos conforme as dimensões necessárias e com o mesmo material das vigas: o aço corten. É previsto que os novos pilares e as antigas vigas, apesar de

semelhante aparência física, se apresentem de forma diferente na imagem final da edificação, considerando que as vigas seriam preservadas com o desgaste natural encontrado. As lajes desses módulos seriam executadas em concreto armado, pré-fabricado ou executado *in loco* na obra, conforme a conveniência na execução desejar. Para a execução dos jardins suspensos, uma borda de aço comum pintada de preto fosco seria acrescentada na borda das vigas, garantindo a profundidade necessária para o preenchimento do espaço com terra para o saudável desenvolvimento das espécies vegetais propostas em projeto.

Caso 1

As áreas próximas às praias cariocas podem ser complementadas com outras estruturas programáticas. O módulo proposto é adjacente a esses espaços, estabelecendo programas que atendam o frequentador que está em banho de mar. Aqui é pensada uma piscina suspensa, que ocupa praticamente toda a área da laje do pavimento. Em complemento a ela são planejados os respectivos vestiários e duchas para o frequentador que utiliza a praia e precisa utilizar tais serviços. É ainda considerada nos outros pavimentos a existência de bares e restaurantes que podem ter parte interna como uma parte externa, utilizando a área ajardinada. A existência desses estabelecimentos é interessante quando se observa o volume de pessoas que utilizam esses serviços enquanto frequentam a praia.

Caso 2

As favelas cariocas possuem escassas áreas livres, existentes somente em localidades específicas onde são frequentemente ocupadas por quadras esportivas. Este visível desejo local aponta uma direção de projeto: aqui um pavimento é

destinado ao uso esportivo, que pode comportar várias quadras dos mais variados esportes, bem como pistas de *skate*.

Os pavimentos superiores são destinados a áreas recreativas e de lazer, comportando dentro da vegetação pistas de caminhada, ciclovias, aparelhos de ginástica e brinquedos para crianças. Em um desses pavimentos, uma construção poderia ainda atender às necessidades da comunidade, servindo de apoio às reuniões da associação de moradores e, ainda, como espaço para convenções e eventos relacionados à atividade comunitária.

Caso 3

O Rio é composto por áreas bem estruturadas urbanamente onde determinadas características locais são bastante interessantes de serem preservadas. Nesses locais da cidade, os módulos serviriam como um complemento programático ao espaço já satisfatoriamente bem consolidado e urbanizado para os padrões brasileiros. Nessas regiões é constante o uso do espaço para lazer e para práticas esportivas como a caminhada e a corrida. Uma possibilidade interessante seria a execução de uma academia no interior do módulo, que não comportasse somente os aparelhos de ginástica, mas, também, um programa complementar para esses usuários do ambiente urbano, como vestiários com duchas e espaços para guardar os pertences. Nos demais pavimentos, bares, lanchonetes e restaurantes seriam certamente bem-vindos.

Caso 4

É de grande complexidade a intervenção em áreas residuais de grandes conjuntos viários, principalmente quando não existe uma proposta urbana que interfira estruturalmente nos componentes urbanos. Nesse caso, possivelmente

a proposta mais interessante para o módulo seja a que apresente maiores possibilidades de uso, permitindo um volume maior de situações e acontecimentos. Aqui, é proposto em um pavimento um conjunto de aparelhos esportivos, com quadras e seus respectivos equipamentos de complemento. Fazem parte ainda um cinema e um teatro, que contribuem para atrair um público externo, que não pertence ao bairro, favorecendo sua dinâmica. Um espaço recreativo ainda pode ser bastante interessante, se considerarmos que essas áreas verdes podem ser um dia transformadas em áreas públicas de lazer.

Caso 5

O centro do Rio de Janeiro é uma área onde diariamente circula um volume considerável de pessoas a pé: muitos desses frequentadores são turistas, moradores ou profissionais que trabalham nas empresas instaladas nessa região da cidade. A partir deste quadro, é proposto um pavimento com bares, restaurantes e lanchonetes de preços populares que atendam a esses frequentadores. Outro pavimento pode comportar uma estrutura livre que, em determinados dias da semana, pode comportar uma feira de produtos alimentícios e, em outros, servir de apoio a outras necessidades locais. Como a região central da cidade ainda é composta por uma quantidade considerável de cinemas, é proposto em um dos pavimentos um cinema com algumas salas de projeção que busquem contribuir com essa característica local.

Para ver as imagens dos projetos, por favor, acesse a versão completa da Revista prumo em pdf, ou clicando no *link* abaixo, para acessar a edição no *Issuu*.

[Revista Prumo](#)